

**RELAÇÃO ENTRE NÍVEL DE APTIDÃO FÍSICA E MOTIVAÇÃO
NA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO**Jéssica de Sousa Pereira¹, Patrícia Espíndola Mota Venâncio¹
Iransé Oliveira-Silva¹**RESUMO**

Introdução: Dentre as várias situações envolvidas no esporte, as técnicas motivacionais tendem a melhorar a motivação intrínseca e extrínseca do atleta. Objetivo: Identificar a relação entre o nível de aptidão física e a motivação na prática de futebol feminino. Materiais e Métodos: participaram do estudo Vinte e duas mulheres adolescentes saudáveis com idade média de $15,9 \pm 1,3$ anos participantes de uma equipe de futebol feminino a mais de um ano, as quais responderam a Escala de Motivação no Esporte - versão brasileira (EME-BR), que avalia os níveis de motivação intrínseca e extrínseca. Foi aplicado também os Testes de aptidão física: composição corporal por meio do protocolo de Pollock e Wilmore (1997); resistência abdominal flexibilidade com o Banco de Wells e classificadas segundo os critérios estabelecidos por Costa e Pires Neto (2009); o consumo máximo de oxigênio (VO_2 máx) foi determinada através do teste de campo "Université de Montréal Track Test" (UMTT); a força de preensão foram realizadas por meio de um dinamômetro hidráulico. Resultados: Existe estreita relação entre componentes específicos da aptidão física e a motivação de atletas de futebol feminino, com destaque à relação entre percentual de gordura e desmotivação ($r=0,631$ $p=0,00$); flexibilidade e força com a motivação intrínseca ($r=-0,533$ $p=0,01$; $r=-0,423$ $p=0,05$); velocidade aeróbia máxima e motivação intrínseca ($r=0,506$ $p=0,05$). Conclusão: O nível de aptidão física das atletas de futebol apresenta estreita relação com a motivação observada, indicando que quanto maior composição corporal, maior a desmotivação; quanto maior a flexibilidade e força, menor a motivação intrínseca, e quanto melhor a capacidade aeróbia maior a motivação intrínseca.

Palavras-chave: Futebol. Motivação. Aptidão Física.

1-UniEVANGÉLICA, Anápolis-GO, Brasil.

ABSTRACT

Relationship between level of physical fitness and motivation in the practice of female football

Introduction: Among the various situations involved in sports, motivational techniques tend to improve the athlete's intrinsic and extrinsic motivation. Aim: To identify the relationship between physical fitness level and motivation in female football practice. Materials and Methods: Twenty-two healthy adolescent women with a mean age of 15.9 ± 1.3 years who participated in a women's football team for more than one year answered the Sports Motivation Scale (EME) -BR, which evaluates levels of intrinsic and extrinsic motivation. The physical fitness tests were also applied: body composition through the protocol of Pollock and Wilmore (1997); abdominal resistance; flexibility with the Wells Bank and classified according to the criteria established by Costa and Pires Neto (2009); the maximum oxygen consumption (VO_2 max) was determined through the "Université de Montréal Track Test" (UMTT) field test; the grip strength was performed by means of a hydraulic dynamometer. Results: There is a close relationship between specific components of physical fitness and the motivation of female football players, with emphasis on the relationship between fat percentage and demotivation ($r = 0.631$ $p = 0.00$); flexibility and strength with intrinsic motivation ($r = -0.533$ $p = 0.01$; $r = -0.423$ $p = 0.05$); maximal aerobic velocity and intrinsic motivation ($r = 0.506$ $p = 0.05$). Conclusion: The level of physical fitness of football athletes is closely related to the observed motivation, indicating that the greater the body composition, the greater the demotivation; the greater the flexibility and strength, the lower the intrinsic motivation, and the better the aerobic capacity the greater the intrinsic motivation.

Key words: Football. Motivation. Physical Fitness.

INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais apresentado na mídia nacional (Costa, 2007; Santos Teixeira, de Oliveira Caminha, 2013) e internacional (Hirota e colaboradores, 2006; Hirota e Tragueta, 2007), mas ainda há pouco espaço para o futebol feminino (Santos, Da Silva, Hirota, 2009).

Poucas pessoas sabem que as mulheres têm aumentado sua participação no futebol em nossos dias, deixando de lado o jargão que esse esporte é coisa para homem (Costa, 2007; Santos Teixeira, de Oliveira Caminha, 2013).

Neste contexto eminente masculino ainda é recente o aumento do número de mulheres praticando futebol, porém, houve uma rápida expansão (Santos Teixeira, Oliveira Caminha, 2013) em que o número de mulheres que hoje praticam o futebol aumentou significativamente comparado às décadas anteriores, mas esse avanço ainda se encontra num estágio lento de desenvolvimento (Goellner, 2005; Souza, 2017), mesmo o Brasil sendo o país do futebol (Origuela e Da Silva, 2014), e contando com uma atleta eleita por cinco anos consecutivos (i.e. de 2006 a 2010) como a melhor do mundo (i.e. Marta Vieira da Silva) (Souza, 2017), e a participação de jogadoras brasileira nos melhores clubes de futebol mundial (Balardin, 2016).

Esse aumento de praticantes de futebol entre as mulheres fez com que os clubes avaliassem os fatores que contribuem de forma significativa com a performance das atletas (Braz e colaboradores, 2007; Lima, 2013; Lopes e colaboradores, 2012; Venancio e colaboradores, 2018; Vidual, 2017), e neste sentido os fatores físicos e psicológicos relacionam-se diretamente no desempenho da atleta (Lima, 2013), fazendo com que elas estejam preparadas para enfrentar situações adversas, motivo pelo qual a motivação, seja ela intrínseca e/ou extrínseca, quando trabalhadas com as técnicas motivacionais (i.e. autocontrole e autoconhecimento) tem sido considerada importante na preparação das atletas (Bock, 2008; Robbins, 2005; Samulski, 2002; Zamuner, 2017).

São escassos os estudos que relacionam a aptidão física e a motivação em jogadoras de futebol. Por este motivo o presente estudo teve como objetivo identificar

a relação entre nível de aptidão física e motivação na prática de futebol feminino.

MATERIAIS E MÉTODOS

Amostra

Vinte e duas atletas, com idade média de $15,9 \pm 1,3$ anos, integrantes da equipe "Aliança", de Goiânia-GO, participaram de forma voluntária do presente estudo.

O trabalho atendeu as exigências da resolução 466/2012, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília (69987117.6.0000.5076), e todas as participantes após receberem as informações sobre os procedimentos assinaram, juntamente com os pais, o termo autorizativo.

Procedimentos

As avaliações ocorreram nos meses de outubro e novembro de 2017, nas dependências da equipe esportiva "Aliança".

Após o primeiro contato, foram agendadas as avaliações: aplicação do questionário de motivação e avaliações físicas.

Avaliação da Motivação

Em uma sala reservada, as participantes responderam a Escala de Motivação no Esporte - versão brasileira (EME-BR) (Costa e colaboradores, 2011), um instrumento escolhido para identificar os níveis de motivação intrínseca e extrínseca. O referido instrumento é composto por 28 itens divididos em sete dimensões (i.e. Motivação intrínseca para conhecer [MI-C], refere-se a curiosidade pessoal sobre a modalidade praticada; Motivação intrínseca para atingirem objetivos [MI-AO], refere-se ao prazer em desenvolver novas habilidades e movimentos dentro da modalidade esportiva; Motivação intrínseca para experiências estimulantes [MI-EE], refere-se a busca por experiências estimulantes que podem causar excitação, prazer e divertimento; Motivação extrínseca de regulação externa [ME-RE], refere-se às recompensas provenientes do desempenho; Motivação extrínseca de introjeção [ME-I], refere-se as situações que geram constrangimento; Motivação extrínseca de identificação [ME-ID], refere-se ao sentimento

que o atleta desenvolve que o faz crescer pessoalmente, no esporte e na vida; Desmotivação [DES], refere-se ao sentimento de desesperança onde as motivações não fazem o desempenho melhorar). As questões foram respondidas por meio de uma escala Likert de sete pontos que varia de 1 “não corresponde nada” a 7 “corresponde exatamente”. Os resultados se deram por meio da somatória dos pontos em cada uma das dimensões, e conforme recomendação é de 70% (Netemeyer e colaboradores, 2003) em cada dimensão.

Avaliação física

Para as avaliações físicas as participantes foram orientadas a trajarem roupas leves e calçados apropriadas para a realização dos testes. Os testes físicos obedeceram a uma sequência lógica, e intervalo adequado ao dispêndio energético requerido, evitando que um teste exercesse influência sobre o outro.

Inicialmente a massa corporal foi mensurada por meio de uma balança (Filizola®, Filizola S.A., Brasil) com aproximação de 0,01 kg, estando a avaliada sem tênis e com roupas mínimas. Posteriormente a estatura foi aferida por meio de um estadiômetro (Seca®, Hamburgo, Alemanha), com precisão de 0,1 cm, de acordo com procedimentos padronizados por Lohman e colaboradores (1992).

A mensuração das dobras cutâneas (i.e. tricipital e subescapular) foi realizada por um único avaliador, seguindo o protocolo de Slaughter e colaboradores (1988) que consiste em calcular a densidade corporal (DC) e, posteriormente, estimar o percentual de gordura corporal (%GC), levando em consideração o estado maturacional e a raça.

A coleta seguiu padronização recomendada por Lohman e colaboradores (1992), utilizando o adipômetro (Lange®, Beta Technology Incorporated, EUA). A coleta foi realizada em triplicata, utilizando-se a média das três medidas para o cálculo do percentual de gordura corporal.

Para a resistência abdominal foi utilizado o teste de abdominal, que consistiu em registrar o maior número de repetições realizadas em um minuto. A contabilização do desempenho foi realizada somente pelas

repetições corretas em relação aos critérios estabelecidos (Pollock e Wilmore, 1993).

A flexibilidade foi aferida por meio do teste de flexibilidade de Wells. Utilizou-se um banco (Wells wood, Cardiomed®, Brasil), e foram efetuadas três medidas e computada a maior distância atingida, não sendo feito aquecimento prévio para o mesmo.

As medidas de força de preensão foram realizadas por meio de um dinamômetro (2A, Jamar®, EUA) com graduação de 0 a 90 kgf. A posição sentada foi adotada para a realização do teste, o ombro aduzido e em rotação neutra, o cotovelo fletido a 90° e o antebraço e punho em posição neutra. Após familiarização prévia, foi registrada a maior contração voluntária máxima dentre as três tentativas realizadas, alternando a mão. As participantes foram orientadas a manter a contração por cinco segundos.

A velocidade associada ao consumo máximo de oxigênio (VO₂ max) foi determinada através do teste de campo “Université de Montréal Track Test” (UMTT) (Mercier e Léger, 1986) onde foi executado na pista de atletismo (400 m) balizada a cada 100 metros sob o ritmo de um ciclista (Boullousa e Tuimil, 2009) que marcava a velocidade e distância através do velocímetro (Velo 8, Cateye, Japão) calibrado antes do teste conforme especificações do fabricante.

A corrida iniciou à velocidade de 7 km·h⁻¹ com acréscimo de 1 km·h⁻¹ a cada 2 min. e a atleta correu continuamente ao ritmo do ciclista até a exaustão (i.e. momento em que o corredor não conseguia manter a mesma velocidade do ciclista), sendo que o estágio da maior velocidade de 2 minutos completado considerado para registro da velocidade aeróbia máxima (VAM).

Além da VAM, o tempo total do teste (T_{UMTT}) foi registrado. O VO₂ máx foi estimado multiplicando a velocidade máxima no UMTT por 3,5.

Para efeito de análise optou-se por avaliar a capacidade aeróbia pelos dados da VAM e T_{UMTT} por entender que estas variáveis apresentam maior fidedignidade em comparação com o valor estimado de VO₂ máx (Oliveira-Silva e colaboradores, 2016).

Estatística

O pacote estatístico (SPSS, v 22.0, IBM) foi utilizado para realização da análise de

dados que tiveram seus descritivos apresentados por meio da média e desvio padrão (\pm DP). A normalidade foi testada por meio do teste de Shapiro Wilk com correção de Lilliefors. Foram apresentados os valores das médias, desvios, mínimo e máximo para as variáveis avaliadas.

A correlação de Pearson (r) e o valor da regressão (R^2), foi utilizado para demonstrar o comportamento de uma das variáveis em função do comportamento da outra variável. Um valor de $p < 0,05$ foi adotado como nível de significância.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta os dados que caracterizam a amostra em relação a idade e os indicadores da aptidão física (i.e. IMC, GC, Flexibilidade, Força, Vam, T_{UMTT} , VO_2 máx).

O percentual de gordura, flexibilidade e força (i.e. Hand grip) apresentaram grande dispersão, caracterizando uma heterogeneidade do grupo estudado.

A tabela 2 apresenta a somatória em cada um dos sete domínios da Escala de Motivação no Esporte.

Tabela 1 - Dados de caracterização dos participantes.

	Média	DP	Mínimo	Máximo
Idade (anos)	15,9 \pm 1,3		13,0	18,0
IMC (kg/m ²)	20,4 \pm 2,3		16,1	24,8
GC (%)	18,3 \pm 4,4		11,8	25,2
Flexibilidade (cm)	27,8 \pm 5,6		19,0	40,0
Hand Grip (Kgf)	26,8 \pm 4,4		13,0	34,0
VAM (km/h)	12,6 \pm 0,7		11,0	14,0
T_{UMTT} (min)	14,1 \pm 1,4		11,4	17,2
$VO_{2máx}$ (ml·kg ⁻¹ ·min ⁻¹)	44,0 \pm 2,5		38,5	49,0

Legenda: GC: Gordura corporal; DP: Desvio Padrão; VAM: Velocidade aeróbia máxima; T_{UMTT} : Tempo total gasto no teste UMTT; VO_2 máx: Volume máximo de oxigênio.

Tabela 2 - Resultado da somatória nos domínios da Escala de Motivação no Esporte.

	Média	DP	Mínimo	Máximo
MI-C	19 \pm 6		9	28
MI-AO	21 \pm 5		8	28
MI-EE	21 \pm 4		13	26
ME-RE	13 \pm 6		4	28
ME-I	17 \pm 5		7	28
ME-ID	18 \pm 6		9	28
DES	9 \pm 4		4	20

Legenda: MI-C: Motivação intrínseca para conhecer; MI-AO: Motivação intrínseca para atingirem objetivos; MI-EE: Motivação intrínseca para experiências estimulantes; ME-RE: Motivação extrínseca de regulação externa; ME-I: Motivação extrínseca de introjeção; ME-ID: Motivação extrínseca de identificação; DES: Desmotivação.

Tabela 3 - Relação entre aptidão física e motivação.

	MI-C	MI-AO	MI-EE	ME-RE	ME-I	ME-ID	DES
%GC	0,130	0,084	-0,200	-0,023	-0,211	0,041	0,631
	0,56	0,70	0,37	0,91	0,34	0,85	0,00
Flexibilidade	-0,185	-0,533	-0,008	-0,255	0,127	-0,120	-0,219
	0,41	0,01	0,97	0,25	0,57	0,59	0,32
Força	-0,221	-0,423	-0,347	-0,328	0,166	-0,137	0,207
	0,32	0,05	0,11	0,13	0,46	0,54	0,35
Resistência	-0,063	-0,162	-0,114	-0,060	-0,101	0,024	-0,138
	0,78	0,47	0,61	0,78	0,65	0,91	0,54
VAM	0,200	0,040	0,476	-0,023	0,506	-0,013	-0,356
	0,37	0,86	0,02	0,92	0,05	0,95	0,10

Legenda: %GC: percentual de gordura corporal; VAM: Velocidade aeróbia média. MI-C: Motivação intrínseca para conhecer; MI-AO: Motivação intrínseca para atingirem objetivos; MI-EE: Motivação intrínseca para experiências estimulantes; ME-RE: Motivação extrínseca de regulação externa; ME-I: Motivação extrínseca de introjeção; ME-ID: Motivação extrínseca de identificação; DES: Desmotivação.

Os dados da tabela 2 demonstram que levando em consideração a média, os indicadores da motivação intrínseca (MI-C; MI-AO; MI-EE) estão em um nível desejável, e os extrínsecos e a desmotivação ficaram aquém do preconizado para o grupo avaliado.

A tabela 3 apresenta a relação entre os componentes da aptidão física com a motivação, evidenciando individualmente o quanto as variáveis da aptidão física testadas (i.e percentual de gordura corporal, flexibilidade, força e capacidade aeróbia) se relacionaram com cada um dos domínios da motivação (0,631[p=0,00]; -0,533[0,01]; -0,423[0,05]; 0,476[p=0,02]; 0,506[p=0,05] respectivamente).

DISCUSSÃO

Os dados demonstram que existe relação entre nível de aptidão física e motivação na prática de futebol feminino, nos indicadores MI-AO, MI-EE, ME-I e Desmotivação.

Para a amostra estudada, ficou caracterizado que o grupo de atletas no aspecto físico era heterogêneo, com destaque ao IMC, gordura corporal, flexibilidade e força.

A heterogeneidade do grupo de jogadoras é uma característica comum no meio do futebol feminino nacional (Dias e colaboradores, 2016; Ramírez-Campillo e colaboradores, 2016).

Quanto aos domínios da motivação, observou-se que a motivação intrínseca (MI-C; MI-AO; MI-EE) apresentou-se dentro do esperado, e que a motivação extrínseca e a desmotivação apresentaram valores abaixo do esperado na amostra estudada, e este fator já havia sido observado por (Rossi e colaboradores, 2016), quando sugeriu que perturbações psicológicas, podem gerar perdas de desempenho motor.

Ao correlacionar os componentes da aptidão avaliados com a motivação, evidenciou-se que quanto maior a quantidade de gordura corporal, maior a desmotivação ($r = 0,631$; $p=0,00$). Este dado gera uma observação contrária ao indicado de Rossi e colaboradores (2016), sendo assim, uma maior quantidade de gordura corporal pode ser a geradora desta perturbação psicológica que leva a desmotivação. Uma situação já suscitada por Fidelix e colaboradores (2015),

em estudo desenvolvido com adolescentes obesos.

A força e a flexibilidade apresentaram uma correlação negativa com a motivação intrínseca para atingirem objetivos ($r = -0,533$, $p=0,01$; $r = -0,423$, $p=0,05$), este dado não apresenta similaridade na literatura, e optou-se trata-lo como uma espúria, e sugerir que outros pesquisadores possam ampliar as observações para que no futuro tenhamos mais clareza nestes itens.

Quanto à capacidade aeróbia, caracterizada na correlação como VAM, foi o componente da aptidão que mais se relaciona com a motivação, especialmente MI-EE e ME-I ($r = 0,476$, $p=0,02$; $r = 0,506$, $p=0,05$).

CONCLUSÃO

O presente estudo conclui que existe estreita relação entre componentes específicos da aptidão física e a motivação de atletas de futebol feminino, com destaque à relação entre percentual de gordura e desmotivação; flexibilidade e motivação intrínseca; força e motivação intrínseca; velocidade aeróbia máxima e motivação intrínseca.

REFERENCIAS

- 1-Balardin, G. F. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física. Licenciatura. 2016.
- 2-Bock, A. M. B. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. Ana Mercês Bahia Bock, Odair Furtado, Maria de Lourdes Trassi Teixeira. 14ª edição. São Paulo. Saraiva. 2008. p. 137-138.
- 3-Boullosa, D. A.; Tuimil, J. L. Postactivation potentiation in distance runners after two different field running protocols. The Journal of Strength & Conditioning Research. Vol 23. Num. 5. 2009. p. 1560-1565.
- 4-Braz, T. V.; Domingos, M. M.; Flausino, N. H.; Freitas, W.; Messias, M. Análise do desenvolvimento das capacidades físicas potência anaeróbica, potência aeróbica, velocidade e força explosiva durante período

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

preparatório de 6 semanas em futebolistas profissionais. Coleção Pesquisa em Educação Física. Vol. 6. Num. 1. 2007. p. 61-66.

5-Costa, V. T.; Albuquerque, M. R.; Lopes, M. C.; Noce, F.; Costa, I. T.; Ferreira, R. M.; Samulski, D. M. Validação da escala de motivação no esporte (SMS) no futebol para a língua portuguesa brasileira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. Vol. 25. Num. 3. 2011. p.537-546.

6-Costa, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Esporte e Sociedade*. Vol. 2. Num. 4. 2007.

7-Dias, R. G.; Gonelli, P. R. G.; Cesar, M. C.; Verlengia, R.; Pellegrinotti, I. L.; Lopes, C. R. Efeito da pré-temporada no desempenho de atletas de futebol feminino. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. Vol. 22. Num. 2. 2016. p. 138-141.

8-Fidelix, Y. L.; Farias Júnior, J. C.; Lofrano-Prado, M. C.; Guerra, R. L. F.; Cardel, M.; Prado, W. L. Multidisciplinary intervention in obese adolescents: predictors of dropout. *Einstein (São Paulo)*. Vol. 13. Num. 3. 2015. p. 388-394.

9-Goellner, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. Vol. 8. Num. 1. 2005. p. 85-100.

10-Hirota, V. B.; Schindler, P.; Villar, V. Motivação em atletas universitárias do sexo feminino praticantes de futebol de campo: um estudo piloto. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 5. Num. 3. 2006. p. 135-142.

11-Hirota, V. B.; Tragueta, V. A. Verificação do clima motivacional em atletas femininas do futsal: um estudo com o questionário de orientação para tarefa ou ego (TEOSQ). *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 6. Num. 3. 2007. p. 207-213.

12-Lima, E. M. R. Motivação em jovens jogadores de futebol para as partidas decisivas: um estudo da psicologia do esporte. 2013.

13-Lohman, T.; Roache, A.; Martorell, R. Anthropometric standardization reference manual. *Medicine & Science in Sports & Exercise*. Vol. 24. Num. 8. 1992. p. 952.

14-Lopes, C. R.; Hohl, R.; Crisp, A. H.; Tessutti, L. S.; Bulgarelli, P. L.; Mota, G. R.; Macedo, D. V. O efeito do período competitivo e novo ciclo de periodização nas capacidades físicas de jogadores de futebol. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 3. Num. 9. 2012. p. 236-241. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/107>>

15-Mercier, D.; Léger, L. Prédiction de la performance en course à pied a partir de la puissance aérobie maximale. *STAPS*. Vol. 7. Num.14. 1986. p. 14-28.

16-Netemeyer, R. G.; Bearden, W. O.; Sharma, S. *Scaling procedures: Issues and applications*: Sage Publications. 2003.

17-Oliveira-Silva, I.; Leicht, A. S.; Moraes, M. R.; Simões, H. G.; Del Rosso, S.; Córdova, C.; Boulosa, D. A. Heart Rate and Cardiovascular Responses to Commercial Flights: Relationships with Physical Fitness. *Frontiers in Physiology*. Vol. 7. 2016. p. 648.

18-Origuela, M. A.; Da Silva, C. L. Futebol e o bar: assistência ao esporte nacional brasileiro. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 22. Num. 4. 2014. p.55-67.

19-Pollock, M. L.; Wilmore, J. H. *Exercício na saúde e na doença*. Rio de Janeiro: Medsi. 1993.

20-Ramírez-Campillo, R.; González-Jurado, J. A.; Martínez, C.; Nakamura, F. Y.; Peñailillo, L.; Meylan, C. M.; Alonso-Martínez, A. M. Effects of plyometric training and creatine supplementation on maximal-intensity exercise and endurance in female soccer players. *Journal of science and medicine in sport*. Vol. 19. Num. 8. 2016. p. 682-687.

21-Robbins, S. Comportamento organizacional. Reynaldo Marcondes (Tradução). In: São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2005. p. 131.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

22-Rossi, M. R.; Vitorino, L. M.; Salles, R. P.; Cortez, P. J. O. Estratégias De Coping Em Atletas De Futebol Feminino: Estudo Comparativo. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. Vol. 22. Num. 4. 2016. p. 282-286.

23-Samulski, D. Psicologia do esporte: um manual para a educação física, fisioterapia e psicologia. *Psicologia do esporte: um manual para a educação física, fisioterapia e psicologia*. 2002. p. 104-106.

24-Santos, L. B.; Da Silva, T. D.; Hirota, V. B. Mulher no esporte: uma visão sobre a prática no futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 7. Num. 3. 2009. p. 119-125.

25-Santos Teixeira, F. L.; de Oliveira Caminha, I. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*. Vol. 19. Num.1. 2013. p. 265-287.

26-Slaughter, M. H.; Lohman, T. G.; Boileau, R. A.; Horswill, C. A.; Stillman, R. J.; Vanloan, M. D.; Bembien, D. A. Skinfold Equations for Estimation of Body Fatness in Children and Youth. *Human Biology*. Vol. 60. Num.5. 1988. p. 709-723.

27-Souza, M. T. O. Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar: atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado. *Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Curitiba. 2017.

28-Venancio, P. E. M.; Souza Silva, J. P.; Ribeiro, H. L.; Soares, V.; Santana, F.; Tolentino, G. P. Aptidão física em adolescentes praticantes de Futebol. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 10. Num. 36. 2018. p. 41-48. Disponível em: <<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/536>>

29-Vidual, M. B.P. Características psicológicas de atletas de modalidades coletivas. 2017.

30-Zamuner, L. F. A influência da torcida na motivação de jogadores de futebol profissional. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 9. Num.33. 2017. p. 113-119.

Disponível em:
<<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/462>>

E-mail dos autores:
goaniafutebol@gmail.com
patricia.espindola@unievangelica.edu.br
iranse.silva@unievangelica.edu.br

Endereço para correspondência:
Iransé Oliveira-Silva
Centro Universitário de Anápolis
(UniEVANGÉLICA).
Curso de Educação Física
Av Universitária km 3,5, Cidade Universitária,
Anápolis-GO-Brasil.
CEP: 75075-754.

Recebido para publicação em 27/03/2018
Aceito em 10/05/2018